

A Síntese das Artes na Obra de João Filgueiras Lima

Daniel J. Mellado Paz

No Brasil houve uma versão local do debate internacional da *Síntese das Artes Maiores* – a união da Pintura e Escultura com a Arquitetura, formando uma obra de arte total. A obra de João Filgueiras Lima, o Lelé, adotou posturas e descobertas deste debate, e arriscou abordagens próprias, levando alguns tópicos às últimas consequências. De entrada, assumiu que seria na forma da *integração das artes*, mais propriamente da colaboração com um *artista* plástico específico, Athos Bulcão (1918-2008). O arquiteto aplicou a cor em suas obras, em grau crescente, a partir da experiência e convívio com Athos, concorrente com a participação do artista nas obras de Lelé, que se diversificaram, abrindo o leque de recursos e tornando-se mesmo imprescindível a essa arquitetura.

Pioneiro no debate da Síntese das Artes, o pintor francês Fernand Léger (1881-1955), parte da vanguarda européia do começo do século XX, falava no desenvolvimento da nova Pintura e da nova Arquitetura. Esta, ao eliminar a decoração e o papel de parede, acabou por redescobrir a parede, branca e nua. Já a Pintura havia descartado o *tema*, e havia alcançado a *cor livre*, com a pintura abstrata. O caminho da integração entre a Pintura e a Arquitetura passava por abandonar o cavalete e voltar à arte mural. Agora livre da obrigação figurativa e de um conteúdo, a pintura deveria estudar os efeitos da cor na sensação do espaço, na *policromia arquitetônica*. Pois as cores criam distintas profundidades visuais – avançando, afastando ou destruindo-a –, transformando o *retângulo habitável* em *retângulo elástico*, e separando as paredes em *mortas*, que devem permanecer intocadas, repousando, das *vivas*, que precisam ser animadas pelo pintor e escultor. De todas as formas, houve um Modernismo colorido na Arquitetura e, nele, uma vertente que procurava uma síntese entre a cor e a forma.

Um dos efeitos descobertos pelo emprego da cor estava em dissolver o peso da parede. Isso foi adotado no Brasil como um recurso válido: retirar-lhe o peso, desfazer a parede como fato arquitetônico, e deslocar a atenção para outros elementos, corrigindo problemas de desproporção. Isso se realizou também com o emprego de uma Arte Menor, a azulejaria, como padrões repetitivos ou compondo murais maiores, reivindicada em três aspectos: o técnico, como sua adequação ao clima, a proteção, e a manutenção; o dos efeitos plásticos análogos aos da pintura mural; e o das associações à tradição colonial portuguesa, e forjando uma tradição própria na Arquitetura Moderna local. Esse emprego da cor, das artes plásticas e da azulejaria se repetia na obra de Lelé, por meio da mão de Athos Bulcão. Outro aspecto interessante está na característica da arte visual a ser aplicada: o Concretismo e suas variantes, que se desenvolveram no Brasil a partir dos anos 50. Nestas águas Athos Bulcão navega, com um padrão mais amorfo, empregando ocasionalmente o “consórcio do acaso”. Não apenas a geometria prestava-se mais à arte mural que à pintura de cavalete, como a arquitetura absorvia melhor esta que a figurativa.

A arte de Athos, portanto, aparecia em partes edificadas no térreo, para fazê-lo passar despercebidas diante do bloco superior.

IMAGENS 1

Também em grandes paredes em espaços de afluência de público, como sala de exposição ou recepção:

IMAGENS 2

Mesmo paredes extensas, que de outra forma seriam monótonas ou opressivas.

IMAGENS 3

E nos muros limítrofes, inevitáveis, agora transmutados em panos de cor, em rendilhado suave e luminoso.

IMAGENS 4

Os grandes espaços coletivos – jardins de ambientação e auditório – geravam grandes empenas cegas pela altura dos sheds, que poderiam se tornar incômodas se não recebessem cor e relevos de Athos Bulcão, brindando beleza a edifícios institucionais e mesmo flagrantemente tecnológicos, ou mesmo tecnófilos, como são os hospitais.

IMAGENS 5

Uma mudança fundamental ocorreu em Salvador, com a FAEC, onde composições gráficas de Athos Bulcão foram diretamente aplicadas às “portas”: na verdade, as paredes externas das salas, voltadas para varandas, eram compostas de portas pivotantes, todas marcadas por padrões que se alternavam, fortemente coloridos.

IMAGENS 6

Passado o entusiasmo pela Síntese das Artes, esse intento geral retrocedeu: a ação do escultor, do pintor, do arquiteto, amoldando-se um ao outro às exigências do ambiente construído, cessou como debate e como prática. Porém Lelé não apenas manteve o seu dueto com Athos Bulcão, como desenvolveu um entrelaçamento muito particular, com um resultado ímpar na qualidade do ambiente construído.

IMAGENS 1

- . 1965 - *Residência para Chefe do SNI, Brasília*
- . 1974 - *Residência José da Silva Netto, Brasília*
- . *Estação da Lapa (sanitários)*

IMAGENS 2

- . 1965 - *Sede da DISBRAVE – Distribuidora Brasília de Veículos, em Brasília (1965)*
- . *Hospital Regional de Taguatinga*

IMAGENS 3

- . *Estação da Lapa (escadarias rolantes)*

IMAGENS 4

- . *Sede do TCU em Salvador*
- . *Sede do TCU em Maceió*

IMAGENS 5

- . *Hospital Sarah em Belo Horizonte*
- . *Sede do TCU em Belo Horizonte*
- . *Sede do TCU em Aracaju*
- . *Sede do TCU em Vitória*

IMAGENS 6

- . 1987 - *Creches MAIS – Movimento de Ação Integrada Social*
- . 1985-89 - *Escolas da FAEC – Fábrica de Equipamentos Comunitários*